

A poesia contemporânea – Um nó de muitos nós: Entrevista com Igor Fagundes

A POESIA CONTEMPORÂNEA: UM NÓ DE MUITOS
NÓS
ENTREVISTA COM IGOR FAGUNDES

VERNACULUM



Vernaculum – A Flor do Lácio
Vol. 6, nº. 6 – dez. 2010/abr. de 2011
ISSN 2175-0408

A POESIA CONTEMPORÂNEA
Entrevista com Igor Fagundes

Por Leonardo Barros Medeiros¹

Sobre Igor Fagundes

Poeta, professor, jornalista, ensaísta, crítico literário e ator. Mestre e doutorando em Poética pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é crítico do Jornal Literário Rascunho, colunista do jornal Panorama da Palavra e realiza consultoria e revisão de publicações. Foi professor substituto de Teoria Literária e Fundamentos da Cultura Literária Brasileira na UFRJ, além de assistente de coordenação do curso de pós-graduação em Estudos Culturais e Históricos da Diáspora e Civilização Africana da Fundação Educacional de Macaé (Funemac). Suas pesquisas atuais giram em torno de uma poética do corpo e do sagrado, através de uma reconstrução ontológica das narrativas míticas gregas, iorubanas e cristãs.

Autor de cinco livros: *zero ponto zero* (2010); *Os poetas estão vivos – Pensamento poético e poesia brasileira no século XXI*; (Prêmio Literário Luís Ruas – Cidade de Manaus – Melhor Livro de Ensaio de Literatura, 2008); *por uma gênese do horizonte*; (vencedor do IV Prêmio Livraria Asabeça 2005); *Sete mil tijolos e uma parede inacabada* (2004) e *Transversais* (2000). Co-autor da coleção *Roteiro da poesia brasileira – poetas da década de 2000* (org. Marco Lucchesi) e da coletânea ensaística *Quem conta um conto – escritos sobre contistas brasileiras estreadas nas décadas de 1990 e 2000* (org. Helena Parente Cunha). Possui cerca de 60 prêmios em concursos literários, além de participações em espetáculos de teatro e dança como diretor, ator, intérprete e dramaturgo.

amor

*de tudo que se aprende sobre a chama
acesa quando a mãe nos traz ao mundo
resta o clarão que segue na alternância
entre o queimar e o iluminar os rumos
(...)*

*In: por uma gênese do
horizonte*

¹ Mestrando em Letras Vernáculas pela UFRJ.

Vernaculum: Como foi seu despertar para a poesia? A poesia o encontrou ou você foi ao encontro? E como isso se deu?

Por ser a infância o momento em que estamos a aprender a falar, a escrever, a descobrir, a criar, a tocar as coisas com o ímpeto e a intensidade de uma vez primeira, ela se tece como condição poética na qual o homem se humaniza. Acolhemos a poesia nesta e desta vida-jogo de esconde-esconde, cabra-cega, em que a realidade se desvenda e se (nos) venda simultaneamente. Com isso, quero dizer que, quando menino, tinha – todos tínhamos – uma compreensão do fazer poético que talvez a idade adulta nos roube a cada minuto, já que somos educados para o pragmatismo, para o utilitarismo e para os condicionamentos racionalistas do mundo em que transitamos. O que não havia na época era uma consciência disso a conformar esse diálogo sensível à representação conceitual. Na abertura, na permeabilidade e porosidade de nosso corpo, realizamo-nos em comunhão com tudo e todos, gerando um saber que independe de abstrações e teorias, muletas e bengalas. Aprendi com um de meus mestres a diferença entre conhecimento e sabedoria: saber é ser o que se conhece. Enquanto um filósofo, ora divorciado do poético (e a culminar na figura moderna do cientista), seria aquele que apenas conhece, pois sabe que nada sabe, o poeta, originariamente, não sabe que sabe e, cheio de um deus, isto é, tomado pelo silêncio que lhe dá perplexamente voz, palavra, apenas canta – deixa esse silêncio entre os sons e verbos aparecer. Falo nesse saber poético a partir do sabor; do sabor que, provado, se converte em saber. O sabor da realidade doado como possibilidade de saber, como possibilidade do canto que, sabido, atualiza e renova este sabor. É nesse sentido que a infância consistiria na experiência máxima do canto (leia-se: da poesia), do saber pelo sabor. Dessa forma, meu relacionamento com o poético se deu, em verdade, bem antes da infância, época em que escrevi meus primeiros versos no verso das provas da escola primária. Criamos e somos criados, recriados e recriadores desde o agora

terceiro olho

(...)

*não é difícil nem questão de sorte –
ninguém retorna igual de cada entrega
se transformando, atinge o que comove:
este infinito aberto a quem se cega*

In: zero ponto zero

em que viramos zigoto até chegarmos, chorões, à luz do mundo. Como me posiciono frente às minhas primeiras produções? No melhor sentido de primeiro: como aquilo que jamais fica para trás, ultrapassado, mas, ao contrário, segue sempre à frente, príncipe, em princípio, gerando sentido, caminho. Meus primeiros poemas, se ingênuos, constituem a fonte a permitir que o rio continue a ser o que ele é – um rio. Chegar ao mar, à plenitude, é o desejo de todos que queremos ser felizes e realizadores de cada de uma de nossas potencialidades. Infante, eu não escrevia apenas. Antes de saber letra, desenhava histórias e as contava para minha mãe. E eu gostava de cantar, encenar, dançar, inventar o que fosse. Tenho também uma lida com a prosa, que só não é mais frequente por ciúme da poesia. No entanto, esta sempre quis se infiltrar em meu discurso. Por conta disso, eu não me via bom aluno de interpretação de textos e redação nos primeiros anos do colégio. Apesar de correta gramatical e ortograficamente, minha escrita tinha o ímpeto metafórico que incomodava alguns professores por suscitar certa incoerência. Minhas interpretações abominavam o lugar-comum e, quando via o gabarito das questões, perguntava-me: “Era para responder isso? Mas isso é óbvio, não precisava perguntar”. E eu acabava optando pelo mais complexo quando me pediam o mais simples. Ainda hoje, considero a infância não uma etapa passada, mas uma conquista diuturna da poesia que nós mesmos somos. Uma bela passagem de Nietzsche me ajudaria: “A maturidade do homem: isso significa ter reencontrado a seriedade que se tinha ao brincar quando criança”.

ensaio

Vernaculum: Que autores foram/são referência para o seu fazer poético?

Mais do que referência ou influência, eu chamaria de contaminação, com todas as mutações pelas quais esses corpos e corpúsculos venham a passar. O que ora chamamos de eu é um nó de muitos nós, muitas vozes em um imenso silêncio, memórias tantas lançadas e laçadas no esquecimento, átomos de rostos, inominados vírus de gente e coisa que, misturando-se uns aos outros e em mim ad infinitum, culminam no que fui, sou, serei – no que escreviverei. Seja na vida de uma obra, seja na obra de toda uma vida. Nesse sentido, o

*O poeta dança com as palavras
inventa passos
coreografias
ritmos*

até

o primeiro tombo

*In: Sete mil tijolos e uma
parede inacabada*

fazer poético só me pertence quando eu mesmo já pertença aos limites de meu corpo e, conseqüentemente, à sua ultrapassagem, ao seu penhasco; ao infinito de tudo, ao outro do outro, ao que não sou, já o sendo – ainda que enquanto potência. Por esse motivo, não citaria apenas escritores como autores decisivos de minha carreira. Até o fim do ensino médio, meu contato com a literatura foi deficitário na escola, porque fui estudante de um curso fundamentalmente técnico em Química, com uma carga horária reduzida para disciplinas da área de Humanidades. Assim, são meus poetas primordiais os prótons e elétrons, bem como o ácido, o sal, a base. Os elementos da tabela periódica, as bactérias, os fungos, os protozoários. Paralelamente, pintores, cantores, atores macroscopicamente me pintavam, me pintam; me cantavam, me cantam; me encenavam, me encenam. Pensadores como Heráclito. Filósofos como Platão, Nietzsche, Heidegger, Deleuze ganharam eco em mim. E é preciso fazer reverência, para além dos poetas, para além dos filósofos, para além dos artistas, à arte de ser, assim, fora dos livros; à poesia da rua, do bueiro, do barro, do prédio, do mar, do ar, da gruta, do guaraná, do garoto soltando pipa, da pista de dança, dos dados de um jogo, do joio e da joia do trigo, do fogo em perigo, da farra da torcida no maracanã, do ponto de Iansã, do choro Oxum, de Hermes e Exu, Zeus e Olorum, Dionísio e Apolo junto a Euá e Oxumaré, Ulysses na Ítaca de Ifé, Jesus de Nazaré, Maria cheia de Graça e Maria Bethânia. Os invisíveis anônimos que não sei, mas me sabem, e me inventam. Todas essas mãos e tentáculos na mão tentadora deste deus Nenhum – o que há de Maior por não ter corpo, contorno, limite, face, nome, persona – misteriosamente capaz de, resguardando-se, abismando-se, dar os inúmeros corpos que habitam em cada poeta prenhe de vida e morte: Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre outros contemporâneos meus, também especialíssimos, como Tanussi Cardoso, Marcus Vinicius Quiroga, Paulo Henriques Britto, Gerardo Mello Mourão, Fabrício Carpinejar, Armando Freitas Filho, Alberto Pucheu, Adriano Espínola, Caio Meira, Antonio Carlos Secchin, José Inácio Vieira de Melo, Astrid Cabral, Rosane Murray, Helena Ortiz, Carmen Moreno, Claudia Roquette-Pinto e os

sobre paredes e águas

(...)

*o poeta no fim sempre aprende:
não basta o horizonte de sol lá na frente
se em águas profundas o escuro
é tijolo invisível recarguendo seus muros*

*In: por uma gênese do
horizonte*

injustamente não mencionados, mas que comparecem tacitamente na possibilidade de, oxalá, virem à memória ao fim da entrevista. E fico só nos brasileiros, porque, como li em algum lugar, a língua portuguesa é mesmo português.

Vernaculum: O poeta Pedro Garcia vê a poesia como o “reencantamento do mundo”, ou seja, a poesia é capaz de religar o homem ao “cosmo” (2007). Você concorda? Para você a poesia, hoje, possui esta função?

A poesia só religaria o homem ao cosmo se estes realmente estivessem, em algum momento, separados. A poesia só religaria o homem ao cosmo se ela, em algum momento, não fosse a cosmogonia, a mundividência que é. A religião, a rigor, prevê essa dicotomia, necessita do duplo (terra-céu, homem-deus, aqui-lá, corpo-espírito, caos-cosmos) como princípio a partir do qual a chamada religação valeria de síntese para a tensão e, portanto, salvação para um homem peregrinamente angustiado. Todavia, o extraordinário é ver o céu desde sempre se abrindo na terra, abrindo-a (e lançando-o) ao seu sem-fundo. O espírito na e como a respiração do corpo. O deus como o silêncio da e na fala do homem. O lá tão aqui. Não como exceção, mas a regra mesma da vida – a sua poética, a sua irremediável tensão e, por isso, a sua dinâmica angustiante. Não mais tomando o duplo como princípio, mas a dobra – isto que advém de uma abertura sem a priori, de um vazio, de um “nada-não” como possibilidade para as possibilidades que, atualizando-se, se ofertam limite, encruzilhada, dobradura desde a qual todo desdobramento será possível e onde todo duplo já será – como artifício do homem – um a posteriori para compreender a existência metafisicamente. Se o poético é geração, criação, corporificação, ele há que ser fisicalidade (no sentido mais limpo de physis). E o que está além do físico não significa necessariamente um outro lugar, abstrato, mas o próprio abismo do corpo, o ainda-não ou já-não-mais contornado ou contornável, o infinito de toda finitude, o silêncio do som, a vertigem do sentido, o repouso do movimento, o breu da luz. É por estar tudo isso confundido e principiando na dobra, que a

ponto zero

*antes da reta, da seta, de um lastro
de vida, o fiapo de um ponto, a fagulha
de um passo, a febre sem dono que espera
do vácuo, o sopro de um corpo em costura
(...)*

In: zero ponto zero

poesia pode nos desdobrar e redobrar indefinidamente. É claro que pode haver uma poesia mística, religiosa, esotérica, mas os adjetivos dependem de uma afirmação prévia do substantivo. Necessário que a poesia seja, primeiro e sempre, poesia e, desse modo, que o seu encantamento venha de dentro para dentro e não, como de empréstimo, de uma instância exterior, advinda do misticismo, da religião, do esoterismo. Pois aí o que se poderia considerar encantamento se tornaria lugar-comum. O suposto surpreendente culminaria previsível. Não é a poesia que tem de se transformar em metafísica. A metafísica é que deve se verter em poesia, até para que encontre com sua origem. Melhor que uma poesia religiosa, penso em uma religião poética. Uma religião que escute a força da palavra das narrativas da revelação e, dentro de sua poiesis, perceba que, com a vertigem do sentido, nenhuma religião se faz possível, uma vez que vertiginoso não tem como constituir um ponto de chegada, ser um lugar. No máximo o sem-lugar ou o entre-lugar para todo lugar, para todo tanto de ser, sertão que se dá nonada até o infinito. Na vertigem, nonada, o sentido está sempre de partida e nos cabe tão-somente a correspondência ao seu apelo. Ao apelo próprio da palavra, da narrativa, do poema, para ser isto: cosmos. A poesia não liga de novo o homem a ele, por já constituir – desde sempre – a trama na qual o caos impede que a teia da vida se reduza a um sistema. Não há cosmos sem caos. Eros sem Thanatos. E com a morte não nos encontramos – nos religamos – no fim da vida. A morte, princípio da vida, sua fonte: a todo instante, morremos. A vida está diuturnamente ligada a ela.

a tempestade

(...)

*Quase sei dos amores que tive
e me quebram o vidro das telhas
Quase sei da enchente nas veias
na espera da paz aqui dentro*

(...)

*Inv: Sete mil tijolos e uma
parede inacabada*

Diante disso, como prever um papel, uma função para um fazer marcado pela caotização do cosmos e cosmogonia do caos? Propor um papel, uma função é tornar exato e esclarecido demais um ofício que desafia a lógica e margeia a obscuridade. Tampouco gosto da palavra “disfunção” para caracterizar a poesia. Na medida em que o eixo de uma palavra está no radical e não no prefixo, no termo “disfunção” pareceria, uma vez mais, que a regra da realidade é a funcionalidade, excepcionalmente subvertida pelo poético. E os gregos na origem nos ensinam que o poético é a pulsão mesma de tudo o que vem inesperadamente ser na e como vida, a despeito de

um mundo tornado tecnocrático em demasia. Caeiro me contamina: “O universo não é uma ideia minha / A minha ideia de universo é que é uma ideia minha”. Assumir que para tudo há uma função está, sobretudo, presumindo: tudo está dentro de um sistema. Tudo pertence a uma máquina. Tudo é a verdade da ciência. Tudo se constrói a partir de proposições lógicas, objetivações do sujeito, seja humano, seja divino. Por esse raciocínio, todo o empenho do homem será manter a eficiência do sistema, manter as coisas em sua estrutura, ordem. Evitar o caos. Eliminar os ruídos. As ambiguidades. A poesia teria um papel se nela presumíssemos esta obrigatoriedade do desempenho, assim entendido como caminho percorrido entre causa e efeito, fundamento e finalidade. Mas, se o poeta já sabe onde chegará, se o seu caminho pode ser prescrito, ele não cria. A criação exige o estopim de um corpo novo e imprevisto. A criação não necessita estar de acordo com as expectativas do homem. A criação extravia os fins e os meios. A criação desce ao abismo dos fundamentos. Para ser criação, deve sofrer um momento e um movimento irrepetíveis, para além de toda eficiência, finalidade e causalidade. Do contrário, uma obra apenas serve para e, na condição de serva, nunca será nobre.

a possível miragem

Enfim, a graça de não ter uma função é a glória para um mundo excessivamente funcional. Eu, particularmente, busco uma libertação de qualquer engajamento, ele mesmo propositor do libertar do homem a partir de determinadas ações, mas que, no fundo, se revela uma prisão à qual a poesia também deve escapar. Ter que falar de fome, por exemplo, não pode ser uma atribuição do poeta, pois este não tem que nada. A chamada literatura engajada pensa que a alforria do homem passa por um desacorrentamento social, econômico, político, sinalizando para a necessidade de transformação das estruturas e relações de poder. Nesse molde, a poesia se tornaria um dos meios participantes de um esclarecimento da mente do sujeito moderno, podendo ela propor a efetivação da justiça social. Se o conteúdo, a rigor, ideológico ou contra-ideológico do literário passa a ser sua tônica, o outro extremo – o que se detém exclusivamente na forma – também não livra a arte da mediação. A poesia seria, agora, meio de si mesma. Prazer desinteressado, gozo estético. Priorizar ora uma função política, ora

*(...)
sabe de muros
e mundos
não precisa de espaços
ou templos
para que cruze
o tráfego de alguém
sem cruzamento
(...)*

*In: por uma gênese do
horizonte*

uma função esteta faz perder-se de vista a afuncionalidade da ética poética, que nada tem a ver com o moral e o imoral, o certo e o errado, com a razão pura do homem ou com a práxis comportamental. Ético na poesia é manifestá-la como nascedouro de vida, é assumir Vida como responsabilidade, é assumir a res-ponsabilidade como isto que – tal como diz a palavra – põe o real, o constrói, o realiza. Um habitar e construir morada no instante em que se mora e se demora na cosmogonia do caos. Se, porventura, o poeta fala de fome e reage contra as mazelas sociais, fá-lo na medida em que, primeiro, já deu um sim incondicional ao viver em sua implicação com a morte – isto que ameaça todo sistema e funcionalidade. O funcionalismo do poético não é uma necessidade, mas uma possibilidade decorrente de uma ação, primeiramente, abissal.

Vernaculum: *Em Sete mil tijolos e uma parede inacabada* (Editora da Palavra, 2004) há uma explícita referência a João Cabral de Melo Neto, estou certo? O quanto de pedra falta para o acabamento da sua “parede”?

Antes de publicar aos 22 anos o livro Sete mil tijolos e uma parede inacabada, estreei – ou, conforme prefiro considerar – pré-estreei com Transversais, aos 17. Na adolescência, é comum ter a sensação de que todos os grandes poetas fazem parte do passado e se restringem àqueles que nos foram ensinados na escola. Educamos para perceber hoje a poesia brasileira somente na música, difundida entre os compositores da MPB, como se a poesia, digamos, “literária” estivesse sepultada. Quando completei a maioridade, conquistei também esta alforria: através da amizade com aspirantes a poeta, descobri a existência de muitos outros em atividade no início do século XXI e com um trabalho primoroso, o que acabou gerando o meu livro de ensaios Os poetas estão vivos – pensamento poético e poesia brasileira no século XXI, premiado pela Prefeitura de Manaus (AM) e publicado em 2008. O ano de 2000 terminava e o novo milênio trazia, como herança literária, uma década de 1990 com uma

resenha

*me cansa quem me acusa de erudito
apenas porque o verso é bom, não minto
enquanto pedem viço pós-moderno
assumo que meu texto eu não defeco
agora pronto: causa impacto o verbo
e de repente alcanço mais prestígio
(...)*

In: zero ponto zero

vertente poética zelosa da recuperação da dicção culta do verso, do trabalho rigoroso de uma escrita não mais espontaneísta ou meramente inspirada, mas densamente transpirada e enxuta, substantiva, cujos créditos caberiam, no continuum histórico, a João Cabral. À época, eu havia travado contato e cultivado afeto com pessoas que, procurando oficinas de criação, não aceitavam mais a verborragia emotiva, o vale-tudo expressivo, o autoritarismo de um suposto estilo próprio mas surdo à tradição. Para elas, João Cabral era o grande professor. Não o maior poeta, como também não o é para mim. Mas aquele que, em nossa literatura, esteve lúcido para não publicar, nos impulsos da vaidade ou da ansiedade, qualquer capricho (ou falta de capricho). João Cabral ensinou-me a catar feijão. Incrivelmente, cheguei a ele primeiro através de sua fortuna crítica. Mais precisamente, foi através de Antonio Carlos Secchin, especialista em Cabral, que a minha lira dos dezessete anos se tornou mais consciente e menos derramada. Eu não conhecia Secchin, senão através dos seus escritos. E, incrivelmente, ele é hoje um dos que mais acompanham de perto – e com generoso entusiasmo – o amadurecimento de meu trabalho. Em meio à aprendizagem do “catar feijão”, vivi uma fase transitória entre Transversais e os Sete mil tijolos, na qual nem eu mais me reconhecia. Meus leitores sentiam faltam do Igor de antes por considerarem que eu me havia descaracterizado. Mas eu levava a poente toda uma dicção adolesnascete em nome de uma poética realmente adulta e, aos poucos, fui encontrando o tom e construí minha própria parede. Assim, em Sete mil tijolos e uma parede inacabada não falta pedra nenhuma para o acabamento dos meus poemas. A pedra cabralina era, foi e é uma contaminação decisiva para a procura por uma voz própria a partir de um efetivo rigor na elaboração poética. Por isso, abro com o poema “Educação pela parede” em alusão à “Educação pela pedra” de Cabral. Este, via Secchin, foi um divisor de águas, ou melhor, de tijolos, um cimento-liga dos versos de então. Inacabada, porque inacabável, minha parede seguia e segue se contaminando por outras vozes. Por isso, não falta a pedra de Cabral nem a pedra no meio do caminho de Drummond, entre outras preciosas. Em zero ponto zero, meu livro mais recente, as lições cabralinas encontram-

educação pela parede

(...)

*No aprendizado do concreto no abstrato,
além de muros pelas folhas e objetos,
outro se oferta, gruta em nós, aqui se cala:
por dentro, eterna, uma parede nos
Camarra.*

*In: Sete mil tijolos e uma
parede inacabada*

se digeridas. O corpo absorveu o que era nutriente. Eliminou o resto. Tanto que este livro é bem menos imagético do que os anteriores. É mais meditativo e musical, além de erótico e repleto de humor. Sinto-me muito à vontade em relação à aquisição de um timbre próprio, fato ressaltado e comemorado pelos críticos que se debruçaram sobre a obra.

Vernaculum: Em seu último livro *Zero ponto zero* (Multifoco, 2010) você “brinca” com a matemática e mescla a tradição com a contemporaneidade. Como você construiu esse livro em que artes diversas, quiçá opostas, cruzam-se num mesmo espaço?

Fico aqui me perguntando se você fala seriamente que eu – apenas – brinco com a matemática ou se, ao revés, estamos ambos a levar a sério o sentido de brincadeira, tal como enunciei na resposta à primeira pergunta da entrevista, citando Nietzsche ao celebrar a infância. Se a criança, pouco a pouco educada para raciocinar, medir, representar, analisar, é originariamente a vigência de um pensamento inteiriço, sem cisão entre corpo e mente, sem cesuras nem censuras, nela – como o princípio do humano – o discurso matemático do adulto, da ciência, desafia o (e desafina no) paradoxo essencial do ser, que sempre vindo a ser, jamais é. Meu livro usufrui – sem nenhum intuito meramente experimental e retórico – de uma paginação que começa na página - ∞ e se estende até + ∞ , tendo no miolo, como eixo, um ponto-página zero, para justamente ironizar essa representação e flagrar não mais o infinito nos extremos, já que o que não tem limite, contorno, corpo não pode ser um lugar do qual partimos e ao qual chegamos. Pelo contrário, o caminho inteiro, toda a linha, é que se revela o salto da vida sobre a morte a cada momento, a passagem permanente sobre o infinito compreendido na condição de abertura para cada passo e sobressalto. Na memória de que, na reta, um ponto contém infinitos pontículos até o limite do nada, até o não-limite, descobrimos o inverso: não o infinito dentro de um ponto, mas cada um deles dentro do infinito, cada ser sendo a partir do não-ser, de modo que mesmo aquele que constituiria o centro, o ponto fundamental – o ponto zero – presuma o ponto nenhum, zero ponto, a devolver os fundamentos (científicos, filosóficos, religiosos) à gênese poética do

o fim da palavra

*o infinito começa onde termina
a palavra, onde escapa algum sentido
que, à distância, não deixa de ser íntimo
jamais além dos corpos, estes cosmos
cujo caos em tensão lhes dá o princípio
(...)*

In: zero ponto zero

que na vida concrece; do que na vida é concreto, corpo, geração, criação, passagem do não-ser ao ser, do ser ao não-ser, nenhum ponto e algum ponto: zero ponto zero: poiesis.

Por aí me parece interessante compreender o brincar: a euforia, a alegria ou o êxtase de ser excessivamente implica recusar os limites da matemática e entender que ser mais, ser ao máximo é deixar de ser. É, tragicamente, morrer em meio à comicidade do excesso. O álcool do vinho tanto mais nos faz extasiados, brincalhões, animados, expandidos, intensificados, quanto, na perda de nossos contornos, nos leva à vertigem e ao coma. Dionísio me socorre nessa brincadeira. A Grécia Arcaica cultivava um culto tragicômico para essa divindade do domínio concomitante da tristeza e da alegria, do trágico da morte e da festividade da vida, do funesto Tártaro e do riso da comédia. A cisão desse canto dionisiaco em gêneros (tragédia e comédia) é posterior e dá-se somente na Grécia Clássica. Na origem, não há essa duplicidade, mas aquela dobra em que o irônico contém os contrários – o dramático e o cômico, o sério e a brincalhão – como tensão questionadora. A cisão em opostos corresponde a uma decisão posterior do Ocidente, que reduziu o pensamento à razão, à ciência, à filosofia então tornada sistema, afastada de seu cônjuge essencial, o poético. O livro quer devolver ciência, filosofia, religião a esta dobra originária em que mais propriamente somos humanos. E, mesmo evocando Dionísio, os poemas se elaboram segundo uma incontestável presença apolínea. Seria previsível e menos desconcertante uma poemática formalmente subversiva, fragmentária, vertiginosa para tematizar o subversivo, o fragmentário, o vertiginoso. Então, eu critico o acabamento, a formalização, a matemática, dentro desses procedimentos ou condicionamentos. Eu ironizo a forma fixa não com o verso livre, mas com o verso aprisionado, para que a incoerência fique mais coerentemente incoerente e a ironia encampe com mais gravidade o peso do paradoxo. Para que a libertação possa, então, mais nitidamente impor seu apelo e confusamente acontecer. Ironizo, ainda, a divisão do livro em páginas com numeração positiva e negativa, bagunçando as noções de positividade e negatividade. O positivismo de nossa cultura não se tornou algo negativo na promessa civilizatória – e bélica – da

partida

*afora o sertão tudo resseca
por dentro um sertão entra em ressaca
o corpo se afoga na falta de água
(...)*

*In: por uma gênese do
horizonte*

ordem e do progresso? O negativo de um filme fotográfico, por sua vez, revela o menos ou o a mais de uma vida flagrada em qualquer instante que deixe de ser um instante qualquer? A morte, o negativo? A vida, o positivo? Irmãs e ímas uma da outra, a tensão surpreende a polaridade. O tesão surpreende o pecaminoso e o erótico reencontra-se com o sentido divino de Eros. Em zero ponto zero, o profano também não é o contrário do sagrado. A promiscuidade é aquela dos elementos telúricos em mistura uns com os outros, no adultério e bigamia dos deuses, porque tomados todos pelas transgressões de uma imprevisível natureza que nada sabe de moralidade. E é por esta trilha que tradição e contemporaneidade se articulam, sobretudo porque tento perceber o que, no contemporâneo, não é atualidade cronológica, mas aquilo que participa de uma mesma temporalidade, ora não mais linear. Dioniso e Apolo, por exemplo, não estão lá atrás. Não fui buscá-los. Eles é que me procuram, surgem em memória e me configuram corporalmente. Passado é o que passou, é esquecimento; se não passou, é presente. E é este presente que celebro e sou, na infinitude de um ponto, na eternidade do instante, no sem-fim possível dentro de nossa vida finita, onde orixás convivem com dízimas periódicas e números têm direito a rosto e loucura. Porque não existe tradição sem traição nem traição sem tradição. Os modernosos creem que trair é tudo o que há de ser feito dentro de seu elogio ao novo natimorto. No elogio à ignorância como forma de insinuação de alguma genialidade sem precedentes, não ler, não conhecer os caminhos percorridos pela cultura impede-os de descobrir que não descobriram a pólvora da literatura. Para mim, esta poesia sem memória, surda à História, também não entrará para a memória, nem fará História.

destinação

(...)

*apenas por amor me creio múltiplo
e não me cobro muitas, se imperfeito:
não tenho culpa se no eterno creio
e se eu morrer um verso escrevo em tímulo*

In: zero ponto zero

Vernaculum: Em meio a mundo moderno, pós-moderno, pós-pós-moderno, enfim, no mundo do século XXI, qual o alcance da mídia digital na divulgação da poesia?

Se meu livro zero ponto zero põe em questão a linha reta, eu jamais poderei ouvir esta compreensão linear e orientada do tempo sem algum incômodo. No presente que habito, eu só conseguiria medir o alcance de algo

por uma gênese no horizonte

*hoje quero amanhecer com os afogados
implorar que voltem a caminhar comigo
penteá-los como se evocasse filhos
abraçá-los como quem pede um chamado
(...)*

se pudesse, em algum momento, estar de fora do agora. E eu estou aqui, no anunciado século XXI ou seja lá qual nome dar a isto que me escapa, sendo mais alcançado do que alcançando. Deixo a resposta para os nossos sucessores. Se poetas precisam de divulgação, a poesia nunca precisou. Do contrário, já teria deixado de existir. A despeito da descrença e das adversidades, ela se divulga sorrateiramente, alheia à nossa vontade, escolha ou juízo. Tal o espelho de Guimarães, “quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”.

In: por uma gênese do horizonte